



A autenticidade do adulto-mãe como pressuposto da aplicação de uma pedagogia funcional

Gustavo dos Santos Oliveira¹ - AMF

Subtema – A pedagogia da responsabilidade. Educação para autonomia.

Resumo

A Pedagogia Ontopsicológica, sem dúvidas, é uma das facetas da ciência ontopsicológica mais importantes em termos de evolução da sociedade. Trata-se de um método bem elaborado que consente as bases para o autoconhecimento individual desde os primeiros anos de vida. No entanto além de observar esse viés, também é necessário analisar quem aplica essa pedagogia e qual é a sua posição existencial frente à vida, no intuito de extrair um maior resultado para a existência da criança. Os genitores, em regra o adulto-mãe são quem educam a criança, porém para trazer ao pequeno uma base saudável e funcional é necessário que este adulto também esteja sadio e realizado. A posição existencial do adulto, tanto na concepção quanto na educação da criança, influencia diretamente no aprendizado de si mesmo e do contexto social em que está inserida. Com a metodologia ontopsicológica é possível através de um *trainig de autenticação* fazer com que os genitores se adequem cada vez mais ao seu próprio projeto de natureza, o que necessariamente refletirá na pedagogia aplicada às crianças.

Palavras-chave:

Pedagogia Ontopsicológica; Adulto-mãe; Ontopsicologia.

1. Introdução

O presente trabalho tem por escopo demonstrar a importância da autenticidade dos pais, em especial do adulto-mãe, para a aplicação de uma pedagogia mais útil e funcional à individuação humana. A Pedagogia Ontopsicológica é uma técnica bem elaborada e cientificamente comprovada, sem exceções, e que consente ao indivíduo aprender a si mesmo desde os primeiros anos de vida. No entanto essa técnica precisa ser aplicada por pessoas minimamente capazes para que efetivamente possa ser extraído o melhor resultado para a criança.

Em base a essa temática, o presente trabalho se divide em três frentes: Em um primeiro momento será evidenciada a necessária relação que há entre a criança e o adulto-mãe, como meio de sobrevivência e que se bem conduzida pode ser um ponto de evolução tanto para o genitor quanto para a criança; Posteriormente será demonstrado, brevemente, como nós seres humanos conhecemos a realidade, em base aos estudos de São Tomás de Aquino e do Acc. Prof. Antonio Meneghetti e; Por derradeiro será abordado a coerência do nosso modo de pensar e conhecer a realidade, e se há alguma interferência externa que impede o homem de verificar o real como de fato é, e o seu reflexo na pedagogia.

2. Desenvolvimento

2.1. O adulto-mãe e a necessária díade com a criança

¹ Advogado. Aluno do Bacharelado em Ontopsicologia na Faculdade Antonio Meneghetti. E-mail: gustavos.oliveira@hotmail.com

No momento em que dois indivíduos buscam por abundância conceder o dom da existência a um outro nasce uma grande responsabilidade. Esses deveres, por assim dizer, podem ser de ordem moral, financeira, jurídica, etc., mas sobretudo de ordem ontológica, ou seja, originado e com coerência à lógica da vida.

Quando a criança nasce de um dever familístico, social, moral, ou seja, por uma obrigação, não vem bem, pois já nasce em um contexto dissonante com o natural projeto de natureza do ser humano. Pelo contrário, quando nasce de uma maturidade sólida dos seus genitores que escolhem o seu nascimento por serem completos e sadios, a criança nasce em um contexto mais favorável para desenvolver a virtualidade que lhe é inerente em razão da sua conexão com o Em Si total.

Nesse sentido é importante ressaltar o ensinamento de Meneghetti acerca do tema:

Antes de tudo, uma criança deve nascer da abundância do prazer da mãe. Não pode nascer de um programa, de um dever. Nasce triste, está mal. Cresce-se mal dentro de um universo em que se é constricto a obedecer. A criança não vem bem. Vem um transgênico potencial à neurose. A criança deve nascer de uma fertilidade madura do adulto. (MENEGETTI, 2015, p. 58).

Deste modo, o primeiro ponto a ser observado é o modo da concepção do pequeno, analisando se fora um decorrente da abundância de bem-estar de seus genitores, ou uma frustração materna por compensação de uma existência não vivida de acordo com as leis da natureza. Para tanto, é necessário averiguar os pais da criança e a sua situação existencial no intuito de saber o quão verdadeiro é o desejo de poder formar uma outra vida.

De toda forma, quando nasce a criança, sendo os pais autênticos ou não, trata-se de uma realidade existencial e naturalmente tem a tensão à busca pela realização do seu projeto que é histórico, mas também transcendente. Porém é evidente que por si só o pequeno não consegue realizar de imediato o seu projeto de natureza, pois quando ainda é jovem não tem autonomia para conseguir fazer tudo o que é necessário para viver bem. Resta claro que a criança deve aprender.

Até os seis meses de idade, a criança ainda se encontra em uma situação existencial similar ao contexto do útero materno. Nesse estágio o pequeno ainda permanece simbiotizado psicorganicamente com o adulto-mãe (MENEGETTI, 2014). Conhece tudo por intermédio do adulto-mãe, que o alimenta, o limpa, e apresenta o mundo à criança que ainda não é capaz nem de locomover-se por si próprio.

Após os seis meses de idade, a criança passa a não mais mover-se em conjunto com o adulto mãe, pois começa a nascer a consciência, a capacidade de ato reflexo. Antes a criança “agia por um conjunto conaturalizado, mas cuja causalidade partia sempre do seu íntimo orgânico”, no entanto após os seis meses o cenário se altera e “as suas reações, as suas atitudes, os seus modos de adaptação começam a ser bilaterais: o externo pode tornar-se movente no interior e o interno pode extrapor-se com necessidade ao externo” (MENEGETTI, 2014, p. 33).

No decorrer da vida da criança existem outras fases de aprendizado, porém esta foi

destacada em razão de demonstrar a importância do adulto mãe nesta fase inicial da vida da criança. Não se pode olvidar do conceito de adulto-mãe explicitado pela ciência ontopsicológica que é o adulto de máxima referência afetiva da criança, podendo não ser coincidente com a mãe biológica, como o pai, uma tia, uma avó, etc.

Aos dois anos de idade até aos quatro – podendo em alguns casos até entre cinco – a criança já é adulta, e com seu egoísmo ôntico, já sabe exatamente o que quer. E nessa fase começa a questionar tudo, tanto de si, quanto do que está ao seu redor, trata-se de um ato natural, saudável e inerente a todo ser humano. (MENEGETTI, 2014). E a partir desse momento a figura do adulto-mãe é imprescindível para que a criança possa aprender o máximo do real que o circunda.

Naquela fase, a primeira coisa que deve ser ensinada à criança, além da biologia normal – de limpar-se, higiene, etc. – é que existe uma realidade terrível, e essa realidade terrível deve ser ensinada à criança, sem meios-termos: existe a sociedade. Aquela sociedade que, depois, quando adulto, mandará você para a guerra, aquela sociedade que fará você pagar os impostos, aquela sociedade que colocará você na cadeia, aquela sociedade que condicionará os seus direitos. (MENEGETTI, 2015, p. 59).

A criança deve saber todas essas questões e o adulto-mãe é o grande responsável por fazer com que estas realidades sejam bem compreendidas, para que no futuro não sofra a ação do social, e para que possa realizar o seu projeto ôntico sem conflitar com as leis externas.

Com este quadro, surge uma grande questão: E se o adulto-mãe em razão dos complexos e estereótipos sociais não compreende todo o contexto social que está inserido, prejudicará a aprendizagem da criança sobre as estruturas sociais e humanas? Ensinará ao pequeno a realidade nua e crua ou apenas uma projeção dos seus complexos individuais que projetam no social? Sobre o assunto elucida Meneghetti: “O ambiente, portanto, é instrumentalizado exclusivamente pela tipologia psicológica do adulto-mãe. *A realidade causante do efeito-filho é sempre a causalidade materna na sua tipologia específica de complexos psíquicos.*” (MENEGETTI, 2014, p. 32)

Se vê novamente a necessidade de exatidão e autenticidade dos genitores da criança – em especial do adulto-mãe –, agora para a construção de uma pedagogia conexas à lógica do real. Quando se fala de pedagogia o primeiro impulso é sempre o de pensar na criança, como ensiná-lo, como evoluí-lo, porém também é de suma importância um trabalho de autenticação dos pais, para que a relação com estes possa ser evolutiva, no sentido de possibilitar a criança cada vez mais agir em consonância com o seu projeto constituído pela ordem da vida.

É clarividente que o adulto-mãe não pode ensinar o real à criança, se não possui a leitura completa da realidade, pois em geral, há um desvio na consciência que não permite aos indivíduos lerem o real de forma plena. Portanto é necessária uma revisão da consciência, para que na medida do possível, haja a alternativa de que com adultos sadios, seja feita uma pedagogia sadia. “Somente os filhos que crescem em um sadio egoísmo de casal serão pessoas autorrealizadas, porque a primeira educação que receberam foi aquela da alegria e de como

buscá-la”.(MENEGHETTI, 2014, p. 26). A Ontopsicologia se propõe a solucionar o problema crítico secular da consciência humana.

2.2. Os modos de conhecer do homem

Para que se possa solucionar o problema humano é necessário conhecer todo o homem, pois este é um ser complexo e para ser compreendido deve haver uma visão integral. Justamente essa visão iniciada pelo Acc. Prof. Antonio Meneghetti, fundador da escola ontopsicológica, possibilita a compreensão total do ser humano e onde se encontra o problema existencial de forma racional e dando a possibilidade de solucioná-lo.

No intuito de averiguar se o indivíduo, em especial neste trabalho o adulto-mãe, compreende a realidade de forma plena para depois poder passar de forma neutra e integral à criança, é estritamente imprescindível entender como o ser humano compreende a realidade.

São Tomás de Aquino inferia que o ser humano possuía faculdades a ele inerentes que permitiam conhecer a realidade, tratava em sua obra, dentre inúmeras coisas, do conceito de intelecto.

O intelecto é uma das faculdades da alma, ou seja, uma potência² que é inerente ao ser humano pelo simples fato de existir, ainda que não utilizado em sua integralidade por todos os indivíduos. Deste modo, conceitua-se o intelecto como sendo o modo de pensar, ou seja, a faculdade da alma de conhecer os objetos com os quais se relaciona para depois construir o conhecimento (AQUINO, 1973).

O autor, pensando com profundidade na faculdade do intelecto, de acordo com o pensamento de Aristóteles, divide didaticamente o intelecto em duas posições: possível e agente.

Em diversas obras de São Tomás, a sua exposição acerca do intelecto, inicia-se pelo intelecto possível, que é um ato potencial³, ou seja, é a possibilidade de conhecimento das coisas, em base ao projeto natural do ser humano. Trata-se de algo inato ao indivíduo, ainda que seja algo desconhecido para este.

Do texto original da obra *A Unidade do Intelecto contra os Averroístas*, em latim, São Tomás de Aquino afirma o seguinte a respeito do intelecto possível:

Primo quidem, quia si intellectus possibilis est quo intelligimus, necesse est dicere quod homo singularis intelligens uelit ipse intellectos, uel intellectos formaliter ei inhereat: no quidem ia quod sit forma corporis, sed quia est uirtus anime que est forma corporis⁴.

O intelecto possível é pensado por Tomás de Aquino como uma faculdade da alma

² Potência é o termo utilizado por Tomás de Aquino em diversas obras.

³ Do latim *Potentia*, ae. Força, poder, ação. REZENDE Antonio Martinez de. *Dicionário do Latim Essencial*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014, p.303.

⁴ Em primeiro lugar, porque se o intelecto possível é aquilo pelo qual pensamos, então é necessário dizer que um homem concreto que pensa ou é o próprio intelecto ou que o intelecto lhe é formalmente inerente, não bem entendido, como forma do corpo, mas porque é a faculdade de uma alma que é forma de um corpo. AQUINO, São Tomás de. **Unidade do Intelecto contra os Averroístas**. Tradução de Mario Santiago de Carvalho. Lisboa: Edições 70, 2014, p. 127.

intelectiva individual, contra a doutrina averroísta do intelecto uno (CAROTENUTO, 2006).

O conhecimento sensível é diferente do conhecimento intelectual, porém ambos devem atuar juntos na vida do ser humano, pois trazem em si uma complementariedade, não podendo ser destacados, sob pena de o indivíduo perder a sua essência cognitiva.

Em um segundo momento São Tomás de Aquino demonstra a existência de uma posição do intelecto chamado “agente” que é a passagem do intelecto possível, potencial para o ato, pois o que está em potência se torna inteligível em ação. O intelecto possível, ante a sua potencialidade universal, não consegue sozinho tornar inteligível em ato, aquilo que foi apreendido ficaria tão somente restrito a um vir a ser. É preciso, portanto, postular uma outra posição do intelecto, que faça que o indivíduo se posicione ativamente a respeito do que foi colhido pelo intelecto possível.

O intelecto agente torna as coisas inteligíveis em ato, haurindo-as das imagens, assim como a luz faz com que as coisas brilhem em ato, e isto não como se a luz contivesse em si mesma as cores, mas como que emprestando visibilidade às coisas.

Da leitura da obra de Meneghetti, em especial do livro *“Intelecto e Personalidade”*, fica evidente que se utilizou do pensamento de Tomás de Aquino, e vai além, pois traz o conceito de Em Si ôntico descrevendo a sua essência e fenomenologias e evidencia a interferência de um mecanismo especular que desvia o processo intelectual em uma de suas fases mais importantes. Etimologicamente intelecto vem do latim *“intus actionem legere”*. Na Teoria Ontopsicológica o conceito de intelecto se expõe do seguinte modo:

“Intelecto” é uma palavra que também usa Aristóteles e ninguém nunca discutiu esse termo. Etimologicamente significa “ler dentro” etc. todavia em âmbito filosófico, o intelecto (ou Em Si ôntico) é “ato do ser”: é um ato que conhece e opera ontologicamente (ou seja, conhece e opera no interior do ser). A partir dessa definição, diz-se o ser, mas sem sair do ser: entende-se dentro do ser (MENEGETTI, 2006, p. 43).

Além disso, o Prof. Meneghetti, desenvolve o conceito de intelecto e elucida a sua utilidade e funcionalidade de acordo com a ordem da vida humana.

Como faculdade da alma o intelecto se define como “a posição diante do possível, portanto conhecimento por conhecimento, ente por ente, a posição de encontro para certificar o objeto como verdadeiro” (MENEGETTI, 2006, p. 47).

Assim como São Tomás de Aquino, o Professor Antonio Meneghetti também verifica que existem duas posições do intelecto: agente e possível.

No âmbito da Teoria Ontopsicológica, a posição do intelecto possível, ocorre quando este se deixa variar internamente, é um momento aparentemente passivo em que o próprio Em Si ôntico faz contato, sensibilizando-se, impressionando-se (MENEGETTI, 2006). E nesse contato o intelecto se deixa variar de acordo com o objeto apreendido. Assim também entendiam os escolásticos, inclusive São Tomás. Essa fase intelectual ocorre com exatidão.

Após a variação decorrente do intelecto passivo o intelecto agente é aquele que possui a função de reconhecer e identificar, como ação operativa em base ao projeto apreendido. O

intelecto agente, que como evidenciado se coloca em uma posição mais ativa, se manifesta de alguns modos, vejamos:

O intelecto, quando é em uma situação agente, expõe-se começa a se tornar fenômeno, discute, observa em volta, concorda ou discorda etc., começa a efetuar uma verificação, certifica o verdadeiro (se existe ou não e como é): substancialmente, está mensurando o ente, o ser naquele modo, lugar, porque, etc. Começa uma série de confrontos com os princípios já estabelecidos e atua a individuação específica do objeto em relação aos outros e a si mesmo. (MENEGETTI, 2006, p. 48).

Essa primeira manifestação do intelecto agente é a razão, que é a medida que o próprio intelecto faz naturalmente após a primeira posição do intelecto (possível), esse processo também é correto, pois é insito ao projeto homem e feito automaticamente pelo Em si do indivíduo.

A outra forma de exteriorização do intelecto agente é a consciência. Segundo o projeto de natureza humano, deveria ser a reflexão direta daquilo que foi apreendido e mensurado de acordo com a lógica da vida. Ou seja, o Eu lógico histórico, para ser exato, deve coincidir com o Eu a priori, o qual é consciência exata do ser. “O intelecto colhe o ente e faz a reflexão perfeita” (MENEGETTI, 2006, p. 55).

Deste modo, o indivíduo em um primeiro momento apreende naturalmente e interage com a informação do real externo, ao passo que varia internamente e após isso mensura se aquilo é funcional ou não a sua individuação, e, por fim, elaborada essa síntese, reflete na consciência aquilo que foi informado pelo seu próprio projeto de natureza

Porém, como se verá a seguir, justamente na redução última do intelecto que é a consciência, há uma interferência externa que deflete as projeções do real à imagem.

2.3 O mecanismo deflector do processo perceptivo-cognitivo e a necessidade de autenticação do adulto-mãe

Existe um desviador do processo perceptivo-cognitivo que age no último estágio de reflexão, ou seja, na consciência, que a Ontopsicologia identificou e denominou Monitor de deflexão da psique. É um mecanismo especular que interfere diretamente no processo psicodélico. Ou seja, no momento em que as imagens deveriam refletir perfeitamente na consciência ele age distorcendo-as.

Portanto, por conta deste mecanismo, a consciência (uma das formas de manifestação do intelecto agente) não funciona em sua integralidade e em perfeita exatidão. Deste modo, o sujeito de fato não colhe o verdadeiro real das coisas, ou seja, não faz nexos ontológicos e assim, não consegue desenvolver uma análise do real de forma exata, mas sim, sempre em base ao mecanismo deflector da informação vital que o próprio indivíduo possui.

A descoberta deste mecanismo alheio não foi fruto de uma iluminação ou acaso, mas sim de um intenso trabalho de estudos e pesquisas realizadas pelo Acad. Professor Antonio Meneghetti, que em base a sua experiência plúrima e atarácica constatou que havia de algo de errado, porém não era algo insito à natureza humana, pelo contrário se tratava de uma

interferência externa.

O monitor de deflexão é “um dispositivo psicodélico que deforma as projeções do real à imagem. Em vez de repetir a imagem referente ao objeto, altera qualquer sinal que reflete o real segundo um programa pré-fixado” (MENEGHETTI, 2010, p. 172). Etimologicamente monitor deriva de uma palavra latina *moneo* e significa “que sugere, que corrige, que censura, que notifica”, por sua vez deflexão parte da raiz latina *deflecto*, que significa “desviar, mudar a estrada, dirigir-se para outro lugar.”⁵

Deste modo, através do estudo da definição verifica-se que o monitor de deflexão é um ordenador que em base a projeções desconexas da realidade, altera os sinais projetados pelo real fazendo com o que o homem perca o nexo entre realidade e imagem e aja em dissonância com o seu projeto de natureza, perdendo assim o nexo ontológico. Vale salientar que o mecanismo não altera o real, não chega a esse ponto, tão somente altera as projeções, ou seja, a percepção do ser humano da realidade.

Os efeitos do monitor de deflexão são precisos no sentido retirar a percepção dos pontos de realidade que podem levar o homem a ser consciência total de si mesmo. A escola ontopsicológica ao longo da sua trajetória, através da experimentação evidenciou três efeitos principais do monitor de deflexão.

O primeiro efeito do monitor de deflexão é a subtração da consciência do Em si, por isso o homem tornar-se inconsciente de si mesmo (MENEGHETTI, 2010). O Inconsciente⁶ é o quântico de inteligência e sobretudo de vida por meio do qual nós existimos, porém desconhecemos, é uma parte qualificada do homem que não está acessível no plano da consciência em razão da intervenção do monitor de deflexão, trata-se de uma parte altamente qualificada, um universo. Deste modo, em primeiro lugar o monitor retira do homem a possibilidade de consciência total do ser que é, dando origem ao inconsciente.

Como segundo efeito o mecanismo em estudo faz a ocupação dos primeiros categóricos ou postulados do comportamento ético (MENEGHETTI, 2010), nesse ponto o homem perde a noção das leis de natureza e passa a fideísticamente a ter como primeiros princípios, absolutos não demonstrados e ordena sua vida em base a estes categóricos meméticos.

Em base a este segundo efeito, o homem passa a buscar a sua dimensão metafísica, que é ínsita a qualquer indivíduo em diversas culturas, religiões, misticismos sem perceber que a chave para todo conhecimento está dentro de si e não no externo.

Por fim, o monitor de deflexão como terceiro efeito traz a experiência do medo e da angústia. (MENEGHETTI, 2010, p. 174). Medo, ou pavor⁷ trata-se de uma sensação de autorredução com enrijecimento progressivo, não é algo natural do ser humano, é algo posto e é

⁵ MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. Tradução Ontopsicológica Editora Universitária, Recanto Maestro-RS: Ontopsicologia Ed., 2010, 4. ed, p. 172.

⁶ Do latim *inconsciis*, significa insciente não sabedor. MENEGHETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. Rev. e atual. Recanto Maestro-RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012, 2. ed, p. 135.

⁷ Do latim *paucum reducere*, significa me reduz a pouco. *Dicionário de Ontopsicologia*. Rev. e atual. Recanto Maestro-RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012, 2. ed, p. 160.

danoso ao homem na medida em que lhe retira a possibilidade crescimento. Angústia significa estar restrito a um ângulo, ou seja, uma “tensão constritiva à depressão ou medo, devido a um instinto vital reprimido” (MENEGETTI, 2012, p. 23).

O monitor de deflexão justamente interfere na consciência, que permitiria ao ser humano ser consciência total de si mesmo e alcançar altos patamares de vida, saúde, ciência, etc. A consciência do Eu lógico-histórico não consente a leitura exata do fato. (MENEGETTI, 2011).

Em um primeiro momento, pode-se imaginar que o que foi até aqui apresentado trata-se de uma situação insolúvel em razão da sua complexidade, no entanto, a ciência ontopsicológica, em razão de uma experiência de mais de 10 anos de clínica, bem-sucedida, traz uma alternativa aos indivíduos que querem ser mais, conhecer mais, pesquisar mais, e de fato construir um conhecimento sadio e verdadeiro e conseqüentemente uma pedagogia útil e funcional ao ser humano. Essa via é a percepção organísmica, que é a percepção baseada no cérebro visceral, eis que este último não possui a incidência do monitor de deflexão.

Enquanto nós persistirmos em garantir o uso exclusivo da objetabilidade externa, mesmo que isso seja em função da legalidade científica e social, a nossa consciência ou mente permanecerá desprovida da própria causalidade, da própria e alheia evidência e do próprio Em Si. É preciso estender o crédito a todos aqueles modos de percepção humana que de algum modo apresentam uma certa constante simbólica. (MENEGETTI, 2005, p. 295)

O método ontopsicológico codificou técnicas que podem gradualmente fazer com o que o sujeito possa cada vez mais retomar a percepção organísmica, porém em razão do escopo do presente estudo não será possível analisá-los. No entanto, existe uma característica básica do monitor de deflexão, que pode ser evidenciada através de um profundo estudo de si mesmo e do organismo como um todo:

Para começar a se evadir do monitor de deflexão, toda vez que a consciência tem ideias, decisões a tomar, memórias, fantasias, caso se queira saber a verdade ou falsidade de uma coisa, trata-se de pegar a ideia e expô-la ao exame proprioceptivo viscerotônico. Àquele ponto, sente-se como reage. A reação organísmica indica a realidade objetiva.

Existe a possibilidade de fazer uma pedagogia com base nesse critério, mas é necessário um longo processo de autenticação até a recuperação da percepção integral do cérebro visceral com a utilização dos instrumentos de intervenção da ciência ontopsicológica. O importante é deixar bem claro que enquanto os pais não fizerem a revisão crítica da própria consciência, no intuito de buscar compreender em qual critério se baseiam e o fizerem de acordo com o próprio critério de natureza, a pedagogia não terá uma verdadeira evolução, pois estará sempre baseada em um critério acreditado sem comprovação científica por evidência. Deste modo, a percepção organísmica obtida através de um *training* de autenticação é imprescindível para a construção de uma pedagogia que possa ser mais útil e mais funcional à vida humana neste planeta.

3. Resultados

Após passar por um processo de autenticação para a verificação e revisão crítica da consciência o adulto-mãe poderá de fato dar as diretrizes e consentir à criança que possa aprender a si mesma em consonância com o contexto social em que está inserida.

Nenhum adulto pode ensinar a uma criança o que é o seu Em Si ôntico. É algo incomunicável, algo inefável. Somente o portante, somente o existente possui a chave de gozar, de saber, de encontrar este celeste infinito mestre da vida que é o Em Si ôntico que está em cada um de nós (MENEGHETTI, 2015, p. 70).

O que o adulto pode fazer quando faz pedagogia é dar os pressupostos para que a criança possa aprender-se de forma integral. Nesse sentido, não restam dúvidas que em primeiro lugar o adulto deve conhecer-se antes, para que depois tenha altivez para poder fazer uma pedagogia de acordo com a ordem da vida humana.

Não adianta haver um excelente método pedagógico, com os instrumentos dos mais variados e funcionais, se os operadores dessa pedagogia, que em regra são os pais, não estão preparados para a sua perfeita aplicação. O resultado pode até ser alcançado, mas não como seria caso a qualificação existencial dos genitores fosse plena.

Hoje há a Ontopsicologia com seu método bem elaborado que possibilita ao indivíduo, de forma gradual, encontrar o próprio projeto de natureza. Para isso existem técnicos preparados que possibilitam um *training de autenticação*, em especial aos jovens de 14 aos 24 anos (porém não se restringe a estes), mas porque não utilizar essa ferramenta como base para as próximas gerações desde a infância? A Pedagogia Ontopsicológica traz essa possibilidade, e um trabalho com os pais é de suma importância para que as próximas gerações tenham desde as bases um modo de educação ímpar, no intuito de futuramente conseguirem dar o máximo de si existencialmente.

“É estupendo o poder, a grandeza do intelecto, que pode reduzir o imenso pânico (no sentido de tudo) do cosmo a um único momento, a um único instante, a uma única exatidão. Isso ocorre quando a palavra não é meme, ou seja, quando é reversibilidade ôntica entre sujeito e realidade” (MENEGHETTI, 2006, p. 55). Porém, enquanto não se corrige o modo da consciência o homem não chega à verdade⁸.

4. Considerações Finais

Ante o evidenciado, restou claro que de acordo com a nossa constituição como seres humanos no planeta terra, a díade criança-adulto-mãe é estritamente necessária para a sobrevivência. Porém, além disso, o adulto-mãe apresenta a realidade à criança, e pode permitir que esta comece a conhecer-se enquanto faz a sua iniciação sobre as normas e leis sociais.

Para que o adulto-mãe possa fazer uma pedagogia útil e funcional é necessário que este conheça a si mesmo e o ambiente que está inserido. No entanto, existe um mecanismo

⁸ “Pode-se então definir ‘verdade’ como a adequação da coisa ao intelecto, e não vice e versa. O intelecto conhece ‘ente por ente’, substância por substância, e o verdadeiro de um homem depende da tipologia do seu intelecto (MENEGHETTI, Antonio. *Intelecto e personalidade*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006. p. 57-58).

que deflete as projeções do real na consciência humana. A Ontopsicologia com o seu método bem elaborado, consente ao adulto-mãe se desvencilhar deste programa especular e chegar a consciência total de si mesmo. Com isso o adulto tem muito mais condições de aplicar a Pedagogia Ontopsicológica com maior propriedade e obter resultados muito mais efetivos em relação à criança.

5. Referências

- AQUINO, São Tomás de. *Compêndio de Teologia in Coleção os pensadores*. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973, v. VIII.
- AQUINO, São Tomás de. *O apetite do bem e a vontade: quaestionesdisputatae de veritate: questão 22*. Tradução de Paulo Faitanin e Bernardo Veiga. São Paulo: Edipro, 2015.
- AQUINO, São Tomás de. *Unidade do Intelecto contra os Averroístas*. Lisboa: Edições 70, 2014.
- AQUINO, São Tomás de. *Seleção de textos da Suma Teológica in Coleção os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, v. VIII.
- CAROTENUTO, Margherita. *Histórico sobre as teorias do conhecimento*. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2006.
- HOUAISS, Instituto Antônio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.
- MENEGHETTI, Antonio. *Conhecimento Ontológico e consciência*. Recanto Maestro-RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2011.
- MENEGHETTI, Antonio. *Dicionário de Ontopsicologia*. 2. ed. Recanto Maestro-RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2012.
- MENEGHETTI, Antonio. *Intelecto e personalidade*. Recanto Maestro: Ontopsicologica Editrice, 2006.
- MENEGHETTI, Antonio. *Manual de Ontopsicologia*. 4. Ed. Tradução Ontopsicológica Editora Universitária, Recanto Maestro-RS: Ontopsicologia Ed., 2010.
- MENEGHETTI, Antonio. Ontopsicologia e Pedagogia. In: ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ONTOPSICOLOGIA. *Cultura & Educação: uma nova pedagogia para a sociedade futura*. Recanto Maestro: São João do Polêsine, Rs: Ontopsicológica Editora Universitária, 2015.
- MENEGHETTI, Antonio. *O monitor de deflexão na psique humana*. 5. ed. Recanto, Maestro-RS: Ontopsicologica Editrice, 2005.
- MENEGHETTI, Antonio. *Pedagogia Ontopsicológica*. 3. ed. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014.
- PORTO, Editora. *Dicionário de Português-latim*. 2. Ed. Porto, PT: Porto Editora Lda, 2001.